

## Editorial



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

# Um país em roda livre

O que temos assistido nos últimos tempos na república portuguesa é um país com duas realidades diferentes: a dos políticos e governantes e a dos cidadãos contribuintes, que penam todos os meses para pagar a factura das despesas domésticas.

Ainda agora vimos na Assembleia da República, no debate sobre o estado da nação - que bem podia ser sobre o “estado da negação” -, onde se pintou, por parte do governo, o país de cor-de-rosa, coisa que os portugueses não conseguem vislumbrar, como se prova na sondagem nacional divulgada esta semana.

Ficamos a saber que um em cada quatro portugueses continua a ter dificuldades em pagar as despesas de alimentação e as despesas com a casa representam uma dificuldade agravada desde há meio ano.

A sondagem revela também um crescendo nas dificuldades de cumprimento no sector da habitação, seja no pagamento de rendas ou no pagamento das prestações de empréstimo, e ainda mais dificuldades no pagamento das contas de energia e água, encargos com escolas e despesas de saúde.

Mas o mais espantoso da sondagem, contrariando o que pensava António Costa, é que, quando questionados sobre os principais problemas do país, os inquiridos não tiveram dúvidas em colocar tanto a governação como a corrupção entre os três assuntos mais inquietantes — numa semana em que António Costa foi acusado de desvalorizar a corrupção e tratou de recusar a ideia através de um artigo de opinião publicado no Observador.

Não é para menos.

A governação, como se vai vendo, está em roda livre, tal e qual como o país, onde até o Ministério Público faz buscas sem pés nem cabeça, utilizando fortes recursos humanos, quando se queixa da falta deles para outros assuntos mais importantes que se arrastam na justiça.

Tudo isto tem reflexos entre nós, na região, na medida em que um governo desorientado não tem capacidade para lidar com os assuntos relativos às Regiões Autónomas, mesmo que os seus acólitos locais se esforcem por querer mostrar o contrário.

Os exemplos da discriminação do governo de António Costa e das mentiras que nos tentam vender são já às dezenas e todos os dias surge mais uma, como a que se segue.

## A mentira do cais NATO

O Governo da República pôs a circular a informação de que abriu concurso internacional para obras no cais NATO, no porto de Ponta Delgada, e parece já haver propostas.

Só faltou atirarem foguetes, como se isto fosse um investimento novo da república na nossa Região.

É uma promessa com barbas.

Em Março de 2017 - imaginem, há 6 anos! - o governo de António Costa já tinha anunciado as obras no cais NATO, o único ponto de apoio com condições de reabastecimento de navios e submarinos militares entre os EUA e a Europa.

A NATO já tinha dado luz verde a um pedido de financiamento do governo português e as reparações estavam avaliadas em 5,4 milhões de euros.

Daí para cá não aconteceu nada. O governo, como sempre, “esqueceu-se” do investimento.

Só agora, seis anos depois, é que fazem o concurso.

E sabem porquê?

Segundo circula nos meios militares, António Costa e o desastrado Ministro da Defesa levaram nas orelhas numa recente reunião NATO, com os parceiros europeus e americano preocupados com o desleixo e a incúria do governo português na modernização do importante cais NATO em Ponta Delgada.

O problema é tão grave que, segundo se diz, das dez condutas que ligam os tanques do cais NATO, apenas duas é que funcionam!

O Ministério da Defesa tratou de imediato de tirar da gaveta bolorenta o investimento, porque os parceiros internacionais temem que, em caso de escalada da guerra, a NATO não tem condições no meio do Atlântico para reabastecer navios e submarinos devido a esta incúria portuguesa.

Os comentadores militares das televisões portuguesas têm feito referência a esta desatenção do governo em relação ao Atlântico, tendo mesmo o coronel José Henriques afirmado que Portugal não tem meios de defender o Atlântico na Madeira e nos Açores.

E é assim que o governo da república, contrariado, mas por obrigação da NATO, vai ter mesmo que investir no porto de Ponta Delgada, coisa que não lhe agradaria nesta altura do campeonato, quando tenta travar tudo o que diz respeito aos Açores.

O mais curioso deste imbróglio é que os acólitos do governo celebram isto como um investimento da república nos Açores, quando o que deviam fazer era visitar a Conservatória Predial de Ponta Delgada, fechada por falta de pessoal, porque os senhores da república teimam em não preencher os respectivos quadros.

Só mesmo nesta república... das bananas.

## Estagnados

A obsessão pelo “endividamento zero” está a fazer os seus estragos, como era de calcular.

Nunca se ouviu tanta gente a queixar-se de atrasos nos pagamentos públicos e até a ministra da Agricultura já se atreve a enxovalhar a governação açoriana, ao revelar que o secretário da Agricultura “pediu-nos para não fazermos nenhum tipo de transferência porquanto não tinha condições para poder assegurar esses pagamentos”.

O esclarecimento de António Ventura não parece convencer ninguém, nem tão pouco os próprios agricultores, a julgar pelas reacções de Jorge Rita.

Tudo isto conjugado com os atrasos de candidaturas a incentivos e a fundos comunitários, mais a fraca execução de investimentos públicos, é uma tempestade perfeita para uma economia tão débil como a nossa.

O turismo ainda vai alavancando os negócios, mas os restantes sectores estão moribundos e se a Ryanair nos disser adeus no Inverno, então não haverá mesmo turismo que nos salve.

Não se percebe esta inércia da coligação na definição de um plano de desenvolvimento público consistente, passados que são quase três anos de legislatura.

Se do continente não sopram bons ventos, por cá parece não haver bom casamento...